

O alerta é feito por cientistas americanos após detectarem, em jovens infectados pelo Sars-CoV-2, sintomas pouco comuns em adultos, como náuseas, diarreia e erupção cutânea. Para especialistas, essas reações distintas devem ser monitoradas nas ações preventivas

Em crianças, os sinais da covid podem mudar

» VILHENA SOARES

Os sintomas mais comuns da covid-19 são febre, tosse ou falta de ar, mas essas manifestações nem sempre são as que indicam a infecção em crianças, segundo pesquisadores americanos. Eles chegaram a essa conclusão ao avaliar um grupo de mais de 12 mil meninos e meninas que testaram positivo para o vírus Sars-CoV-2. O trabalho, publicado na última edição da revista *Scientific Reports*, revela taxas expressivas de queixas de náuseas, diarreia e danos gastrointestinais em pacientes mais jovens. Os especialistas acreditam que os dados contribuem para um diagnóstico mais preciso da enfermidade nesse grupo etário e também podem auxiliar na retomada das aulas.

“Pouco se sabe sobre o comportamento dessa doença em crianças, uma questão muito importante já que a reabertura de escolas, feita com segurança, depende da nossa maior compreensão quanto às características dessa infecção nos mais jovens. Só assim, vamos conseguir voltar com essa atividade de forma tranquila”, justificam os autores do artigo, liderados por Pakaj Arora, pesquisadora da Universidade do Alabama.

A cientista estadunidense e sua

Anne-Christine Poujoulat/AFP



Os pequenos também podem apresentar manifestações mais esperadas, como falta de ar, tosse e perda de paladar

equipe avaliaram um grupo de 12.306 crianças que testaram positivo para o Sars-CoV-2. Por meio das análises dos relatórios médicos, eles descobriram que 18,8% dos pacientes apresentavam os sintomas mais comuns da covid-19, como febre, mal-estar, alteração do olfato ou paladar, e 16,5% tiveram sintomas respiratórios, incluindo tosse e falta de ar.

A análise também mostrou taxas expressivas para outras mani-

festações que não são constatadas com frequência em adultos com covid-19. Por exemplo, 13,9% das crianças apresentaram sintomas gastrointestinais, como náuseas, vômitos e diarreia, 8,1% tiveram problemas dermatológicos (erupção cutânea) e 4,8%, dores de cabeça. “Observamos uma alta prevalência de sintomas que não são tão frequentes em adultos, com envolvimento de múltiplos órgãos, algo que nos sur-

preendeu bastante. Esses pacientes não tiveram registros das queixas constantes de covid-19, como a falta de ar, e isso faz com que a doença seja descartada rapidamente por especialistas, o que é prejudicial para o tratamento”, alertam os autores.

Aulas presenciais

Os cientistas defendem que medidas preventivas distintas



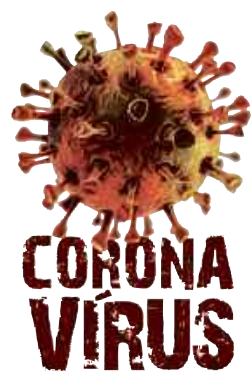
A reabertura de escolas, feita com segurança, depende da nossa maior compreensão quanto às características dessa infecção nos mais jovens. Só assim, vamos conseguir voltar com essa atividade de forma tranquila”

Trecho do artigo divulgado na revista *Scientific Reports*

crianças em idade escolar e seus contatos imediatos são necessários”, sugerem.

Victor Bertollo, infectologista do Hospital Anchieta de Brasília, também avalia que os resultados obtidos no estudo podem ser bem aproveitados no combate à pandemia, principalmente durante a retomada das aulas presenciais. “São dados importantes, pois ainda não temos estudos que comprovem isso, apesar da desconfiança de que as crianças influenciam a cadeia de transmissão do vírus, mesmo sendo menos atingidas que os adultos”, justifica. “Quando falamos em reabrir as escolas, sabemos que o contágio entre elas vai aumentar. Por isso, precisamos identificar os casos mais rápidos e isolar os pacientes quando for preciso. E isso só vai ser possível dando a atenção a esses sintomas que são atípicos.”

Segundo o médico, as medidas sugeridas pelos cientistas podem ser uma boa saída para esse esquema diferenciado de cuidado. “Pode ser, sim, necessário ter mais testagens nesse grupo mais jovem e acompanhá-los com maior frequência. Isso pode fazer a diferença no controle da doença e evitar que os jovens também contaminem quem vive com eles. É algo complicado, que exige uma grande logística”, afirma.



Negros e hispânicos são mais vulneráveis

A pesquisa com as crianças americanas mostra ainda que há perfis mais vulneráveis à covid-19. Ao todo, 5,5% (672) das crianças participantes do estudo foram hospitalizadas. Desse grupo, 118 (17,6%) e 38 (4,1%) precisaram de serviços de cuidados intensivos (internação em UTI) e ventilação mecânica, respectivamente. Os pesquisadores observaram que o risco de hospitalização

foi semelhante entre os gêneros, mas maior em crianças negras e hispânicas, quando comparadas às brancas não hispânicas.

Para a equipe, esses dados também precisam ser levados em consideração durante a adoção de estratégias preventivas. “Acreditamos que é importante aumentar o cuidado nesses grupos minoritários, pois outras pesquisas já nos

mostraram dados semelhantes, só que em adultos. Agora, reforçamos a importância de voltar os nossos olhos para quem tem um risco maior de óbito”, defendem os autores do estudo.

Segundo o infectologista Victor Bertollo, pesquisas mostram que a maior vulnerabilidade entre negros e hispânicos se deve a uma série de fatores, como a renda menor e mo-

radias com menos estrutura — sem ventilação adequada, por exemplo. “Acreditamos que também possa existir um componente genético, mas isso ainda não foi provado”, diz.

O médico confia que, aos poucos, as informações obtidas sobre o comportamento do novo coronavírus em grupos específicos ajudarão a refinar as estratégias de combate à doença. “A me-

didada que estudamos melhor o tema, entendemos mais as reações das crianças ao vírus e o impacto em cada perfil de paciente. São dados que se somam ao de outros estudos, e isso tudo é muito importante, até porque não sabemos ainda os reais efeitos da doença a longo prazo, principalmente em crianças, e precisaremos lidar com isso.” (VS)

EUA desobrigam máscaras em locais fechados

» RODRIGO CRAVEIRO

Horas depois de o Centro para o Controle e Prevenção de Doenças (CDC), a principal agência federal de saúde pública dos EUA, fazer o anúncio do fim da obrigatoriedade do uso de máscaras para os norte-americanos que completaram o ciclo de vacinação contra a covid-19, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, celebrou a façanha. “Se você está totalmente imunizado, não precisa mais usar máscara!”, declarou o democrata, em discurso televisionado nos jardins da Casa Branca. Pouco depois, ele usou o Twitter para comentar o avanço. “Hoje, é um grande dia para a América em nossa longa batalha contra a covid-19. Isso foi possível graças ao sucesso extraordinário que tivemos em vacinar tantos americanos, tão rapidamente.” Até o fechamento desta edição, os EUA tinham administrado 266,5 milhões de doses da vacina.

O CDC atualizou uma recomendação emitida pela primeira vez há um ano e relaxou a obrigatoriedade do uso de máscara. “Qualquer pessoa que esteja totalmente vacinada pode participar de atividades internas e externas, pequenas ou grandes,

Angela Weiss/AFP



sem usar máscara ou (respeitar) a distância física”, declarou Rochelle Walensky, diretora da agência. “Se você estiver totalmente vacinado, pode começar a fazer as coisas que tinha parado por causa da pandemia”, acrescentou em um comunicado.

Em entrevista ao *Correio*, Marc Lipsitch — epidemiologista e diretor do Centro de Dinâmica de Doenças Transmissíveis da Universidade de Harvard — avalia que a decisão do CDC é “uma boa mudança para um lugar em que as taxas de vacinação são comparativamente altas e em que os casos estão diminuindo”. “Isso tem ocorrido nos Estados Unidos. Tenho certeza de que haverá

monitoramento para avaliar se a situação mudará. No entanto, será muito difícil a implementação da não obrigatoriedade da máscara, pois a vacinação é uma informação privada. Será difícil saber quem foi vacinado realmente”, disse.

Robert Charles Gallo — cofundador do Instituto de Virologia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland e da Rede Global de Vírus, e um dos cientistas que isolaram o HIV na década de 1980 — também atribui o fim da obrigatoriedade de máscaras a imunizados ao sucesso da vacinação. “O número de infecções e de casos graves da covid-19 está caindo, à medida que mais pessoas são

Em estação de trem de Nova York, mural ensina como utilizar a máscara de forma correta

imunizadas. A curto prazo, isso é uma boa notícia, com certeza”, afirmou à reportagem.

Morador de Washington desde 2019 e nos EUA há cinco anos, o consultor goiano Gabriel Moura vê a decisão do CDC com otimismo e cautela. “Parece que estamos chegando num ponto em que a reabertura é realmente possível. Mas o controle do número de infecções e de óbitos somente ocorreu porque a vacinação foi associada ao uso de máscara e ao distanciamento social. Para mim, ainda não está claro o quanto a vacina conseguirá segurar a pandemia sem outros controles”, afirmou à reportagem. Por isso, ele não pretende deixar de usar máscaras em ambientes fechados, ao menos por enquanto. “Acho o uso de máscara um pequeno incômodo individual que causa grande impacto na saúde pública. Por enquanto, me sinto seguro tirando a máscara em ambientes externos, ou em locais fechados por curto espaço de tempo, como para comer e recolocá-la.”

» Pontos de vista

Por Marc Lipsitch

Sucesso da vacinação

Fotos: Arquivo pessoal



“Este é um sinal de que, pelo menos no cenário atual de clima primavera-verão e ante a mistura de cepas do coronavírus presentes nos EUA, a vacinação reduziu os números de casos, de hospitalizações e de mortes. O sucesso a longo prazo está para ser visto, mas há

motivos para ficarmos otimistas de que esses desenvolvimentos positivos continuarão.”

Epidemiologista e diretor do Centro de Dinâmica de Doenças Transmissíveis da Universidade de Harvard

Por Robert Gallo

Confiança no imunizante

“É um passo adiante. Ele ilustra a confiabilidade da vacina. Suspender o uso de máscaras em ambientes internos é um grande passo. A vacina não previne contra a infecção, e uma pessoa ainda pode transmitir o Sars-Cov-2, apesar de ter baixa carga viral, a um indivíduo não vacina-



do. No entanto, nos EUA, a maior parte da população será vacinada.”

Cofundador do Instituto de Virologia Humana da Faculdade de Medicina da Universidade de Maryland e da Rede Global de Vírus, e um dos cientistas que isolaram o HIV nos anos 1980